A SCENA MUDA

MISS
PRISCIL
DEAN

A SCENA MUDA

SUMMARIO DO N. 111

7° DO ANNO 3° — 10 DE MAIO DE 1923

A SCENA MUDA

EDIÇÃO DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA
DIRECÇÃO DE RENATO DE CASTRO
SOCIEDADE ANONYMA
Praça Olavo Bilac, 12 e Rua Buenos Ayres, 103
ENDEREÇO TELEGRAPHICO REVISTA
Telephones: — Directoria, N. 112 — Redacção e Administração N. 3660
Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO, DIRECTOR-GERENTE

N. 111 — 7° DO 3° ANNO | RIO DE JANEIRO, 10 DE MAIO DE 1923

ASSIGNATURAS
Um anno (serie de 52 numeros) 48$000
Um semestre de 26 numeros.... 25$000
Estrangeiro.... 60$000
Numero avulso. 1$000
Num. atrazado. 1$500

NOVIDADES NA TELA

Quem é THEODORE ROBERTS?

E' o artista veterano do cinema por excellencia, tendo vindo ao palco mudo quando a industria do cinematographo estava titubeante, mas era sincera em seu esforço. Desde então elle tem desempenhado toda especie de papeis imaginaveis, em numerosas fitas, tão numerosas que elle já perdeu a conta. Nesses *films* tem sido arcebispo, typos exoticos de Broadway, figuras nobres de cavalheiros da edade media, ferreiros e carpinteiros da roça, generaes e fazendeiros. Tem deixado crescer a barba por varias vezes; posto corcunda outras, envelhecido por milhares de vezes; em muitos papeis apresenta-se bem penteado, noutros ricamente vestido, encarnando a figura astuta de um negociante de meia edade.

Goza tambem de uma outra distincção, entre os artistas do cinema. Por todos estes annos em todas estas fitas tem estado em uma só companhia a *Paramount*.

E' diametralmente opposto ao papel, que muitas vezes desempenha, de sogro impertinente e descontente, como em algumas historias de automoveis com WALLACE REID.

THEODORE ROBERTS é tambem o veterano da Colonia de Hollywood, o mais accomodativo, o veterano mais conciliador deste mundo. Os artistas moços consultam-o em seus complicados problemas cinematographicos e o SR. ROBERTS preza tanto sua profissão que por mais de uma vez tem affirmado que jamais voltará para o palco fallado.

Miss Biblie Dove, da "Metro".

— O cinematographo —disse elle de uma feita — deu-me pela primeira vez em minha vida a opportunidade de viver decentemente, commodamente, em minha casa, cercado dos meus, não me aborrecendo com essa tragedia que é a vida do artista ambulante do palco sempre de déu em déu, sem saber onde irá parar no mez seguinte.

A residencia de THEODORE ROBERTS é uma das mais encantadoras vivendas de Hollywood. O veterano e sua senhora, vivem como duas almas candidas, numa felicidade eterna. THEODORE dispõe de sua propria *chaise-long* construida especialmente para elle, ampla e resistente, porque, explica a SRA. ROBERTS, elle é um grande homem e estraga tanto as cadeiras como um menino os sapatos. Para THEODORE ROBERTS não ha nada como sua cadeira, onde elle se espicha, um bom livro e um verdadeiro havana, que vai saboreando pachorrentamente com a leitura.

Se alguem o vêm visitar ou entrevistal-o, não atura essa companhia por muito tempo. Immediatamente conduz o visitante a visitar seus animaes. Por que possue um verdadeiro jardim zoologico em seu quintal, onde se encontram varios papagaios, pombos, passaros de pennas vivas e de gorgeio, gatos persas e siamezes e cachorros de quasi toda raça. Quando THEODORE ROBERTS não é encontrado no *studio*, pode-se contar pela certa que estará com seus bichos.

O JUIZ E O ORPHÃO

Conto de SAMUEL SMITHSON

Cinematographado pela *First Circuit* e distribuida pela *Companhia Brasil Cinematographica* tendo como protagonista JACKIE COOGAN

— Vimos pedir a Deus que não nos desampare, depois cahiremos no mundo — disse Jackie

DANNY fugira do orphanato onde fôra creado mas o accaso fez o bom policial descobrir onde elle passara a noite e levou-o de novo para o asylo.

Não fôra o máu trato que obrigára o menino a fugir porquanto muito ao contrario as crianças eram alli bem tratadas, mas é que DANNY tinha um cachorro, o *King*, que não queriam alli no estabelecimento e elle fugira para se separar de seu fiel companheiro. De novo, na casa de caridade DANNY tem a certeza que o cão o irá procurar, porquanto na verdade KING é de uma rara intelligencia. De facto, por meios que só o proprio cão poderia explicar eil-o de novo ao lado de seu dono! Agora o garôto tem de desenvolver seu engenho afim de subtrahir o animal as vistas dos directores da casa. Porem estes estão demais preoccupados para dar por elle, visto como, sem meios para continuar a manter aquellas crianças, resolveram acabar com o asylo e pôr annuncios nos jornaes para que os parentes mais proximos venham tomar conta dos asylados ou extranhos que se queiram responsabilisar por elles venham recolhel-os.

No dia seguinte encheu-se a casa e, um a um foram indo os pequeninos orphãos. Por fim, só dois ficaram: DANNY e um pretinho, que por ironia se chamava BRANCO. O negrinho era muito apegado a DANNY, que, esquecendo a propria situação, tinha pena do abandono, em que ficára o outro. Quanto a elle, era o menos. Em ultimo caso iria para a rua. Mas o BRANCO... Quem sabe se é por ser preto que não o querem? E DANNY tenta resolver o problema, correndo á dispensa e trazendo um pote de alvaiade com a qual pinta a cara do moleque. Ia apresental-o assim a um casal de visitantes que vem ainda em procura de um orphão, quando nota que os requerentes são da côr do BRANCO! Eil-o que ás pressas limpa o focinho do garôto e o apresenta áquelles descendentes de CHAM, que se agradam do moleque e ficam com elle.

Agora DENNY ficou só. Mas entra uma mocinha que tambem era candidata a um pequeno e o vê, a cuidar de *King* com muito carinho; ella, que tambem soffria adivinhou o coração de ouro, d'aquella criança e resolveu ficar com elle. Mas o pequeno impõe uma condição: — quem ficar com elle tem que levar como contrapeso o *King*! E assim ficou decidido.

Passaram-se uns dois mezes. DANNY não se sentia mal naquella casa, por duas razões a primeira porque adorava MARY, a moça que o recolhera, a sua "mamãisinha", e a segunda por que alli não estava EDUARDO, o marido d'essa moça, um operario funileiro, typo de mau genio e que, por isso mesmo, estava descançando á "sombra", á custa do Governo, por algum tempo. Naquelle dia, porem, eil-o que volta á casa. E' um bruto e o pequeno DANNY vê quanto a "mamãisinha" soffre por causa d'elle. Começou exigindo jantar, e quasi dá na mulher porque esta tinha em casa apenas um pouco de leite, que era o jantar do pequeno. Depois atirou-se a um canapé, a roncar co-

Era tão sympathica que com ella o orphão estava disposto a partir

A tudo elle se sugeitaria, tudo... menos separar-se de seu cão

Explicaram-lhe então que se tratava de um escapamento d'agua no porão da casa.

mo um porco. Ai! de quem o acordasse.

Mas um auto pára á porta de sua officina de funileiro e bombeiro hydraulico e o *chauffeur* entrega um chamado urgente para um palacete, que não ficava muito distante. Mas o homem não queria trabalhar, MARY bem sabia isso e não se atrevia a despertal-o. O pequeno DANNY, porem, é que não está pelos autos; ha falta de dinheiro em casa, então como é que elle não ha de trabalhar? E acorda-o gentilmente... com um ponta pé.

A brincadeira ia-lhe custando uma sova, mas sua ligeireza salvou-o. Então elle vê MARY chorando e tem uma idéa; porque não irá elle fazer o concerto? Acompanhou o gazista por diversas vezes e viu o que elle fazia. Eil-o tomando a maleta pesada e os meios de que usou para fazer transportal-a ao local do chamado são dignos de um heroe em astucias. Eil-o agora no campo de batalha. Que ha de fazer?

Desce aos subterraneos, onde ha um grosso cano, que está vasando. Experimenta as diversas torneiras e valvulas, que ha alli para ver se faz cessar a agua de correr pelo cano que vae entrar em concerto; o resultado foi que, com isso, deixaram de funccionar as bicas do palacete, que foram deixadas abertas; e quando elle

(Continua na pagina 29)

Desconfiado e arisco, o orphão começava por não gostar de «caras novas».

O pintor fica tão irritado, que intima severamente seu irmão a não manter mais relações de especie alguma com "aquella mulher".

Da Pobreza a Opulencia

Novella de Elmes Harris

Cinematographada pela *Paramount* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Suzanna Ornoff, uma dansarina de cabaret — Gloria Swanson
Arnold Pell, um artista norte-americano — David Powell
Larry Pell, seu irmão — Harrison Ford
Jacqueline Ornoff, irmã de Suzanna — Anne Cornwall
Carlos Walton — Walter Hiers
Gaston Petfils — *Charles A. Steveson*

Depois da tragedia formidavel da guerra, Paris de novo se transformára na cidade do prazer e da alegria. Mas esse prazer, essa alegria não é comtudo partilhada pelos que a guerra lançou na miseria mais cruel.

Uma d'essas familias, victimas do flagello terrivel, era composta pelo velho Sr. Gastão Petitfils e suas duas sobrinhas Suzanna e Jacquelina.

Succedia, para mais aggravar a situação, que Jacquelina vivia presa a um leito por uma paralysia dos membros inferiores, provocada por um desastre de automovel. D'este modo, sendo o Sr. Gastão já tão edoso que não podia procurar meios de subsistencia, era Suzanna a formiga da familia, trabalhando para o sustento de todos com suas licções de piano. O pagamento de seu trabalho era, porem, tão parco e tão demorado, que ella soffria torturas para dar a sua pobre irmã e a seu tio um pouco de bem estar.

Foi essa triste situação que a obrigou a acceitar um novo trabalho, pousando para o pintor norte-americano Arnaldo Pell.

Esse artista, que era uma creatura

Com o appellido de *Flôr de Amor*, ella adquirira fortuna e nomeada sem egual.

Obrigada a acceitar qualquer emprego, Suzanna estreou no corpo de baile de um *cabaret* de grande luxo.

Ignorando que Suzanna já tinha o coração preso, Larry offereceu-lhe seu nome e sua fortuan.

delicada e de bellos sentimentos, reconheceu que SUZANNA possuia um caracter muito differente dos *modelos* vulgares e, pouco a pouco, começou a affeiçoar-se a ponto de lhe pedir que se casasse com elle. SUZANNA ficou muito sensibilizada com essa offerta mas recusou esse enlace porque tinha promettido a sua irmã conservar-se solteira para que nunca se separassem. E, afim de evitar insistencia por parte de ARNALDO, ou mesmo receiando ceder a seu proprio coração por que tambem amava o artista, não mais voltou a seu atelier.

Porem com isso sua situação se tor-

Aquelle vestuario de extanho fausto era para ella a libré do trabalho.

A sós em seu camarim, Suzanna sentia dolorosamente a humilhação de ser uma escrava do publico.

nou mais melindrosa ainda. Era preciso procurar trabalho mais rendoso e este só lhe appareceu no restaurante de ANTONIO LECAT.

SUZANNA relutou em acceitar o emprego que LECAT lhe propunha mas, premida pelas circumstancias, submetteu-se.

Quando, á hora do jantar, o salão do restaurant se enchia, ella cantava e dançava, para alegrar os freguezes. Uma noite entrou alli o rei FERNANDO, que estava em Paris incognito. Agradou-lhe o rosto de SUZANNA e, quandoella passou perto da sua meza, deitou-lhe no seio uma mão cheia de moedas de ouro. SUZANNA, corrida de humilhação e de vergonha, fugiu para o seu camarim a chorar convulsamente.

Ora, no salão encontrava-se, nesse momento, o arguto agente de publicidade norte-americano CARLOS WALTON. Homem de vistas largas, WALTON viu naquelle gesto do rei um bello reclame e chamou a attenção do proprietario do restaurant, que, aproveitando a ideia passou a annunciar SUZANNA como a cançonetista FLOR DO AMOR, a favorita do rei FERNANDO.

Logo no dia seguinte, o salão do restaurant encheu-se de uma multidão de curiosos, que queriam conhecer SUZANNA. Porem, esta, ao conhecer a causa d'aquella concorrencia fremiu de indignação e abandonou o emprego.

Então CARLOS WALTON, vislumbrando um negocio gordo naquelle caso, propoz a SUZANNA e a seu tio irem para New-York. Impulsionada pelo desejo de reconquistar a saude para a sua irmã, ella partiu e dentro em pouco, aconselhada e guiada por WALTON, era a artista mais famosa da metropole norte-americana. Todos desejavam conhecel-a e entre esses todos estava LARRY PELL que, vivendo no campo, tivera occasião de conhecer JACQUELINA e seu tio, sem comtudo saber que eram parentes da FLOR DE OURO.

LARRY, como todos os moços, apaixonou-se por SUZANNA e deu em sua casa uma festa em sua honra, comettendo nessa noite as maiores loucuras.

Mas em meio do festim, ARNALDO PELL, que era irmão de LARRY surge e, ao ver SUZANNA alli como uma bailarina orgulhosa de sua belleza e despida de escrupulos, teve um tal accesso de colera que, ignorando a verdadeira situação da moça, invectivou severamente o irmão, intimando-o a se afastar de similhante mulher.

LARRY, irritado e sob a influencia do champagne, respondeu altivamente a ARNALDO, declarando-lhe que ama SUZANNA e fará d'ella até sua esposa.

A moça, cheia de vergonha e sentindo ainda gravada em seu coração a imagem de ARNALDO, resolve deixar de ser a FLOR DO AMOR coberta de ouro pelos emprezarios e voltar á miseria.

ARNALDO, porem, chega a saber a verdade e vem pedir-lhe perdão.

Quanto a JACQUELINA tendo encontrado a cura na vida sadia e confortavel, que tivera graças á dedicação de sua irmã, encontra nos braços de LARRY a felicidade e o amor.

ELMES HARRIS.

Sob a impressão d'aquelle tumulto, Daniel julgou ver diante de si uma festa pagã, uma orgia da decadencia em Roma.

A HOMICIDA

Novella de ALICE DUER MILLER

Cinematographada pela *Paramount* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Daniel O'Bannon — THOMAS MEIGHAN
Lydia Thorne — LEATRICE JOY
Evans, sua creada — LOIS WILSON
Stephen Albee — *John Miltern*
O juiz Homans — GEORGE FAWCETT
Mrs. Drummond — JULIA FAYE
Adeline Bennett — EDYTHE CHAPMAN
Drummond, um policial — *Jack Mower*
Eleanor Bellington — *Dorothy Cumming*
Bobby Dorset — CASSON FERGUSON
Dicky Evans — *Mickey Moore*
O criado — *James Neill*
A guarda da prisão — SYLVIA ASHTON
Brown — RAYMOND HATTON
"Gloomy Gus" — "Teddy"
Presos ......) MABEL VAN BUREN
e) *Ethel Wales*
presas ......) *Dale Fuller*
Wiley — *Edward Martindel*
O medico — CHARLES OGLE
Um musico — *Guy Oliver*
Miss Santa Claus — SHANNON DAY
Witness — *Lucien Littlefield.*

Orphã e possuidora de uma grande fortuna, MISS LYDIA THORNE fôra pessimamente educada por uma tia sem criterio e que fallecera deixando-a ainda adolescente.

Do ponto de vista intellectual, LYDIA tivera os melhores professores e como era intelligente e orgulhosa de fazer bôa figura, aproveitára bem suas lições, conquistando cultura mental muito superior a da generalidade entre as moças de bôa sociedade. Mas, do ponto de vista moral, sua educação fôra a mais descuidada que é possivel imaginar. Instinctivamente honesta, de alma recta e altiva, ella era incapaz de praticar um acto menos puro e correcto, era uma moça absolutamente digna do respeito de qualquer homem de bem, mas, habituada desde a infancia a ver todos os

Quando afinal despertou, no dia seguinte, miss Lydia verificou que não poderia mais chegar a tempo para salvar Evans.

Miss Leatrice Joy no papel de Lydia Thorne.

Daniel observava com espanto aquellas maneiras excessivamente desinvoltas.

seus caprichos attenciosos solicitamente como decretos da providencia, habituada a vêr todas as suas fantazias satisfeitas sem discussão, vendo-se sempre adulada e requestada não sómente por sua belleza como por sua fortuna, acabára por se convencer de que tudo lhe era permittido e de que sua situação privilegiada lhe dava todos os direitos.

Ora, quando uma creatura moça, bonita e rica surge com essa mentalidade nas altas rodas de uma grande cidade não faltam cortezãos inconscientes, cynicos ou perversos, que a excitem no caminho da loucura, applaudindo como rasgos de genio suas mais loucas fantazias e suggerindo-lhe outras ainda mais disparatadas.

Assim a linda MISS LYDIA THORNE se tornára uma das [illegible] de New-York famosa por sua be[illegible] estonteante, por seus es[illegible]mentos delirantes e sobretu[illegible] suas faustosas loucuras.

A ultima de que se [illegible] quasi com enthusiasmo [illegible] caracter quasi tragico. An[illegible] pelos arredores da cidade e[illegible] possante automovel, com [illegible]locidade vertiginosa que e[illegible] seu costume, LYDIA quasi [illegible]rera por teimar em atra[illegible] uma linha ferrea a despe[illegible] signal de fechamento. Resul[illegible] — a locomotiva chegara a [illegible] o para-lama do automovel, os passageiros e a gente dos arredores tinham passado enorme sus[illegible]

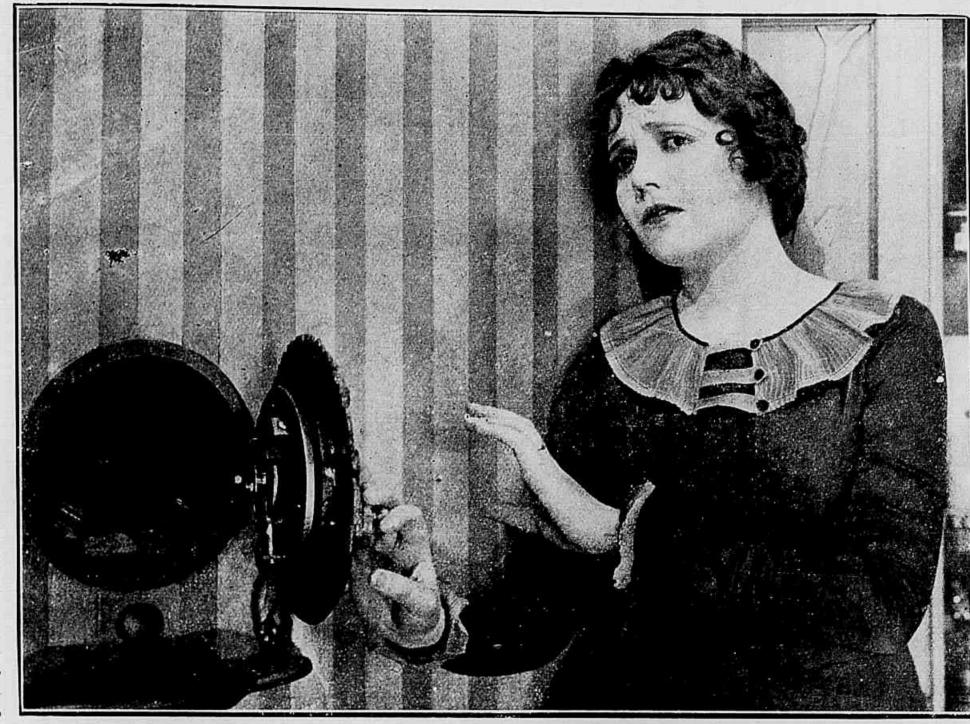
Ella estava de máu humor e por isso oppoz uma recusa ao angustioso pedido da creada.

ainda por cima, o chefe do trem havia dado queixa contra ella perante o Sr. Daniel O'Bannon, o *attorney* do districto.

Daniel era um magistrado ainda moço, mas de caracter integro e severo, que, conhecendo já miss Lydia Thorne pela fama que aureolava seu nome, multou-a impiedosamente, declarando-lhe que lamentava não haver uma lei que em tal caso lhe permittisse infligir-lhe punição mais grave e dura.

— Porque? — perguntou-lhe a linda creaturinha com um olhar assombrado e ironico.

— Porque suas imprudencias são por demais frequentes — respondeu Daniel, com ar grave. — Porque a senhora precisa de um castigo severo para comprehender que o mundo não foi feito para seu divertimento.

— Oh! santo Deus! — Que homem máu. Que lhe fiz eu para ter ideias tão ferozes a meu respeito? — retorquiu miss Lydia com um sorriso deslumbrante. — O senhor

(Continúa na pag. 29).

Arrastada pelo desespero, a pobre moça abriu o cofre de Miss Lydia e apoderou-se do dinheiro de que necessitava.

Quando a contrariavam Lydia maltratava até os objectos inanimados.

E, naquelle espelho, elle se via sob a forma de chefe barbaro castigando sem piedade a patricia orgulhosa e sem coração.

Os que vivem no écran

Douglas Fairbanks e Mary Picford decidiram, necessitando de descanço e mudança de ar, alugar um vapor japonez, no qual pensam dar a volta ao mundo em uma viagem, que durará oito mezes. Mas, como oito mezes de viagem são longos e poderiam tornar-se enfadonhos, resolveram convidar varios amigos para servir-lhes de companhia.

Até agora o numero de convidados é de cincoenta e figuram entre elles Charles Chaplin e Pola Negri, que realizarão assim uma agradavel viagem de nupcias. Entre os demais convidados citam-se o Sr. e a Sra. William Mc Adoo e varias notabilidades de Los Angeles.

Como já noticiamos, a *Paramount* contractou o actor francez Charles de la Roche, para desempenhar os papeis, que estavam destinados a Rudolph Valentino.

Este ultimo actor, que não quiz continuar a trabalhar para a *Paramount*, não se pode contractar para outra fabrica por que os juizes declararam que elle terá que esperar que termine o prazo do mesmo contracto, que elle negou-se a cumprir.

O contracto de Katherine Mac Donald com a *Paramount* termina com o *film* "*Refugio*" e affirma-se que não será renovado.

Em compensação sabe-se de fonte auctorisada que Katherine aproveitará sua liberdade para assignar outro contracto mais importante com um tal Jack Morrel de quem está noiva. Comtudo, não pensa em abandonar a cinematographia por completo, mas limitar-se-ha a fazer uma ou duas producções importantes por anno.

Em "*Uma Questão de Honra*" *film* que pertence á serie intitulada "Romances Historicos" poderemos ver em scena o duello entre o duque de Buckingham e o conde Schrewsbwy, duello que teve por consequencia a revisão completa das leis inglezas referentes ao duello.

Irene Castle foi victima de um accidente quando ensaiava um cavallo, que deveria concorrer a um grande concurso. Ao tentar um salto de bôa altura, cahiu ao solo fracturando uma vertebra e soffrendo varias contusões. Com tudo, só consentiu em permanecer dous dias no hospital, para onde fôra transportada. Compareceu á citada exposição onde seus animaes tiveram bons premios e pouco depois appareceu novamente no theatro onde trabalhava.

O papel de Esmeralda na adaptação cinematographica norte-americana de *Notre Dame de Paris* pela *Universal* foi confiado a Patsy Ruth Miller. Lon Chaney, que neste *film* será o "astro", terá a seu cargo o papel de Quasimodo, *o Corcunda*.

Carlitos tem actualmente um escudo de armas. Não é um escudo composto por um par de botinas rotas, uma bengala, um chapeu de côco e um bigode. E' um escudo legitimo com reis, alabardas e demais apetrechos. Com effeito, pela Bibliotheca Heraldica de Guido Titoni, averiguou-se que Chaplin é apparentado com uma das familias mais illustres e antigas da aristocracia ingleza e tem portanto direito a usar o mesmo escudo.

MISS ELEANOR BOARDMAN, da "GOLDWYN".

OS NAMORADOS NO CINEMATOGRAPHO — WILLIAM SCOTT E BARBARA BEDFORD da "Fox Film Corporation"

Nos cabarets de New-York

Conto de JOHN B. CLYMES

Cinematographado pela *Universal* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Mary Mac Guire — MAE MURRAY
Jimmy Calhoum — RUDOLPH VALENTINO
Patrick Mac Guire — *Harry Rattenbury*
O tio Barney — *Richard Cummings*
Percy — *Ivor Mac Fadden*
O duque de Sauterne — BERTRAM GRASBY
Michael Calhoum — *Edward Jobson*.

Por incompatibilidade de genios o SR. MAC GUIRE havia se separado de sua esposa deixando-lhe um pequeno peculio e sua filha MARY, que era ainda muito pequena.

Alguns annos se passaram. A pretexto de que a esposa abandonada estava muito só seu irmão BARNEY veiu viver em sua companhia e em pouco tempo com conselhos imprudentes fel-a perder tudo quanto possuia.

Ora BARNEY tinha grande vocação para dar conselhos; afóra isso sabia comer e dormir e convencido de que essas habilidades eram sufficientes para justificar sua presença neste mundo nunca se julgára obrigado a fazer mais cousa alguma. Por isso, quando se viu reduzida á miseria MRS. MAC GUIRE teve que tentar por si mesma a conquista do pão quotidiano. Mas como sua saude já muito combalida não lhe permittiu tamanho esforço foi sua filha, a linda MARY já adolescente quem tomou corajosamente sobre os proprios hombros o encargo de sustentar sua mãi enferma e seu tio mandrião.

Mas as despezas são por demais pesadas para que ella lhes possa fazer frente com serviços de costura, bordados. A despeito de seus esforços a miseria em sua casa é terrivel!

Ella propria já não sabia como combater aquella paixão imperiosa e avassalante.

Em vão o capitalista insistiu para que ella bebesse algumas taças de champagne.

E para cumulo, uma tarde, MARY perde o emprego, que arranjára tão penosamente — perde-o por uma razão muito singular: por haver sido surprehendida dansando na officina... Sim. Embora pobre e sacrificada por um destino tão cruel, MARY tinha apenas dezoito annos e a alegria da mocidade vibrava irresistivelmente em sua alma. Era bonita, tinha a faceirice ingenua de sua edade e não resistira á tentação de voltear um pouco diante de um grande espelho.

Mas o patrão é que não podia comprehender essas cousas; entendeu que ella não sómente commetteu a grave falta de interromper o seu proprio trabalho como ainda estava distrahindo suas companheiras. E pol-a na rua.

MARY voltava para casa muito desanimada quando leu em um jornal a noticia de um grande escandalo occorrido em Paris entre o DUQUE DE SAUTERNE e a bailarina franceza GLORIA DE MOYNE. No mesmo jornal ella encontra o annuncio de um novo *cabaret* de grande luxo, que se deve inaugurar brevemente e que precisa de uma bailarina, declarando que só acceitará uma profissional, que já tenha provas de sua competencia.

MARY está em condicções que não lhe permittem hesitar. No dia seguinte vai se apresentar no local indicado e propõe-se para bailarina do novo *cabaret*. Pedem-lhe que execute um bailado e ella dansa com tanta graça, com uma fantazia tão original, que o em-

(Continua na pag. 30).

O duque julgou que a poderia tratar como uma vulgar bailarina.

Porem Jimmy chegou a tempo para infligir ao grosseirão o merecido castigo.

Os typos de belleza no cinematographo — Miss Leatrice Joy, da "Paramount"

Jack, o destemido

Film da Universal tendo como interprete principal, o actor JACK HOXIE.

(Continuação)

5.º EPISODIO — NAS GARRAS DAS FÉRAS

Emquanto JACK procurava sahir da caverna, galeria, ou cousa que o valha, em que havia cahido, os patifes, apertados pela companhia a que FLINT pretendia vender a fazenda de HOLLIDAY, cogitavam em fazer um falso registro da propriedade, lesando assim definitivamente o pobre velho.

Entretanto a carriola em que MISS BESS ia para a villa fôra atacada pelos miseraveis, que a queriam para refem, só a libertando se JACK lhes attendesse ás exigencias isto é, se assignasse tambem o documento, que o velho HOLLIDAY firmára, pela violencia.

Porem o denodado mancebo, ainda d'esta feita, consegue salvar a namorada e, indo procurar o *sheriff* da cidade onde nascera e onde FLINT queria fazer o registro da propriedade, narra-lhe o facto, resolvendo a autoridade nomeal-o seu auxiliar, com ordem para capturar o chefe do bando fosse como fosse.

Num gesto de suprema audacia, elle tenta a difficil empreza, mas é vencido pelo numero de adversarios e cahe em poder de FLINT, que lhe exige a assignatura do documento, ao que JACK se nega.

Vendo que são inuteis os esforços que fazem para dominal-o amarram-o e atiram-o aos lobos famintos, que, não longe, uivavam sinistramente.

Estaria proximo o fim do valente engenheiro, que defendia, á custa da propria vida, a fortuna de seus pais?

(Continua no proximo numero)

Tendo afinal aprisionado o valente rapaz, os bandidos de Flint exigem que elle assigne a declaração de venda da fazenda do Sr. Holliday.

A carreira de MORENO tem sido uma das mais brilhantes e das mais romanticas da scena muda. Nascido em Madrid de pais pobres porem aristocratas é filho de um ex-official do exercito hespanhol. Morreu-lhe o pai quando era ainda creança e assim elle teve de interromper os seus estudos em Cadiz, com a edade de nove annos e procurar trabalho. Mudou-se com sua mãi para Algeciras onde o rapazinho emprehendedor e activo conseguiu um logar de entregador de pão.

D'ahi passaram-se para Campamento e foi ahi que ANTONIO MORENO travou relações com muitos estrangeiros entre os quaes HENRIQUE ZAMITH e BENJAMIN CURTIS, sobrinho de SETH LOW ex-prefeito de Nova York e presidente da Universidade de Columbia), ambos norte-americanos. Elles se interessaram pelo rapazinho e o mandaram para a escola de Gibraltar. Mais tarde elle percorreu a Hespanha em companhia do SR. CURTIS; depois seus dous amigos trouxeram-o para a America, tendo-o mandado para a escola em Northampton no estado de Massasshussetts.

Concluido o curso naquella escola elle começou a trabalhar na companhia de gaz e electricidade d'aquella cidade e um chamado do theatro local, para concertar o apparelho electrico, foi o marco de sua nova carreira. A actriz MAUDE ADAMS estava ensaiando a peça *"The Little Minister"* e MORENO lhe pediu um pequeno papel. Deram-lh'o e elle ficou com a companhia emquanto a peça teve vida e concorrencia. Em seguida a companhia ensaiou *Peter Pan* e *A irmã de José* e em ambas essas peças ANTONIO MORENO appareceu em companhia de MAUDE ADAMS.

Por alguns annos continuou trabalhando em Nova York e em companhias theatraes ambulantes até que foi seduzido pelo cinema onde o seu exito tem sido ainda maior. Depois de ter trabalhado para a *Vitagraph* e *Pathé* passou-se para *Paramount* onde estreou em companhia de GLORIA SWANSON no *film* «*My American Wife*».

D'esta vez, não ha remedio senão render-se.

Mas os bandidos não ficam tranquillos emquanto não o amarram dos pés á cabeça.

A volta do mundo em 18 dias

Romance de CHARLES WEBB

Cinematographado pela *Universal* tendo como protagonistas WILLIAM DESMOOD e LAURA LAPLANTE

O Sr. Brenton e os policiaes em vão procuram impedir o embarque de Philéas.

CAPITULO I

A APOSTA

O jovem PHILÉAS FOGG III era neto do Grande, o famoso PHILÉAS FOGG cujas aventuras foram celebrisadas pelo romance de JULIO VERNE, *A Volta do Mundo em 80 Dias*.

Um bello dia elle chegou a New-York de volta de uma excursão pela Europa, muito preoccupado. Tinha-lhe acontecido uma cousa muito natural em rapaz, mas como era nova para seu coração estava-o impressionando muito. Apaixonára-se por uma linda moça, MISS MADGE HARLOW.

Nesse mesmo dia o SR. HARLOW, pai de MISS MADGE, que era presidente de uma importante companhia de petroleo, estava presidindo uma reunião da directoria á qual communica que está resolvido a comprar o privilegio do processo descoberto para a manufactura de combustivel synthetico.

Immediatamente o SR. WALLACE BRENTON, sub-director da companhia, declara não concordar com essa resolução.

— Está bem — declara o SR. HARLOW. — Eu estou convencido de que a providencia é bôa e necessaria. Vou propol-a á assembléa geral e a votação decidirá qual de nós tem razão.

A' noite PHILÉAS vai á casa do SR. HARLOW e este, em presença de sua filha, communica-lhe o que se passou na Companhia, explicando que sua situação se tornou muito difficil porque os principaes accionistas da empreza residem em varios paizes por este vasto mundo e elle não vê meios de obter seus votos antes do dia da assembléa.

— Quando se deve realizar essa assembléa? — pergunta PHILÉAS.

— No dia 19.

— Estamos no dia 1... Em todo o caso se o senhor me permitte eu partirei e tentarei obter o consentimento de que tanto precisa.

— Oh! homem... Você está maluco! Para fallar com todos os accionistas de que eu dependo seria preciso dar volta ao mundo.

— Pois darei volta ao mundo.

— Em dezoito dias?

— Em dezoito dias.

E immediatamente se prepara para partir. Pede a MISS MADGE que prepare uma lista dos accionistas da companhia com suas respectivas residencias e vai comprar passagem no primeiro transatlantico a partir para Londres.

(Continua na pag. 23).

Quando se tem pressa é sempre assim. Até os que pedem gorgetas nos fazem perder tempo.

Miss Madge previne Philéas contra o traiçoeiro plano do Sr. Brenton

AS ESTRELLAS DA SCENA MUDA — **MISS GLORIA SWANSON**, da "PARAMOUNT".

Soffrer, Sorrir, Beijar

Conto de BOOTH TARKINGTON

Cinematographado pela *Paramount* com a seguinte distribuição:

Clarence — WALLACE REID
Violeta Pinney — AGNES AYRES
Cora Wheeler — MAY MACAVOY
Mrs. Wheeler — KATHLYN WILLIAMS
O Sr. Wheeler — *Ed. Martindel*
Roberto Wheeler — *Robert Agnew*
Huberto Stem — *Adolphe Menjou*
Dinwiddy — *Bertram Johns*
Della — *Dorothy Gordon*
Mrs. Martin — *Maym Kelso*

O lar da familia WHEELER não era positivamente um seio de ABRAHÃO. Uma neurasthenia generalisada — tendo talvez por causa a falta absoluta de preoccupações e affazeres—creára alli um máu humor, uma nervosidade constante, de modo que cada qual vivia a se queixar dos outros e a remoer suppostos aggravos, que via nos menores actos, gestos e palavras.

O SR. WHEELER é o typo tradiccional do homem de negocios, que, embora já muito rico, passa a vida a architectar e construir novas combinações e especulações, não por ganancia do dinheiro de que não precisa e que já perdeu para elle toda a significação mas pelo gozo de vencer os concorrentes, de ganhar essas rudes batalhas que agitam a Bolsa.

Para cumulo do escandalo, Huberto descobriu um dia que Clarence andava de namoro com Miss Violeta

MRS. WHEELER absolutamente ignorante nesses assumptos começava por commetter o grande erro de não admirar victorias de seu marido e limitava toda a sua ambição a ser admirada nas rodas sociaes pelas quaes o negociante tinha o mais completo desprezo.

Entre esses esposos de gostos

Mrs. Wheeler e sua filha viviam agora sob o encanto d'aquelle hospede tão timido e tão sympathico.

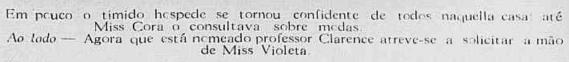
diametralmente oppostos, seus filhos viviam abandonados a si mesmos e tambem raramente em accordo. Miss Cora é uma melindrosa que não cuida se não de sua propria elegancia; ao passo que seu irmão Roberto o que fez de mais notavel até agora foi conseguir que o expulsassem de todas as escolas em que seu pai tentou internal-o.

Alem d'isso ainda ha naquelle lar mais dous elementos de discordia — o primeiro é miss Violeta Pinney, a governante que mrs. Wheeler não podia supportar porque considerava demasiadamente moça e demasiadamente bonita para ser competente; o segundo era o Sr. Hubert Stem, o secretario

(Continua na pag. 30)

Aquella musica dolente enlevava Mrs. Wheeler e sua filha.

Em pouco o timido hospede se tornou confidente de todos naquella casa; até Miss Cora o consultava sobre modas.

Ao lado — Agora que está nomeado professor Clarence atreve-se a solicitar a mão de Miss Violeta.

Os Mysterios de Paris

Romance de Eugene Sue

Cinematographado pela Phocéa, de Paris, com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Flor de Maria — Huguette Duflos
Sarah Mac-Gregor — Andrée Lionel
Louise Morel — Yvonne Sergyl
A Chouetta — *Berangère*
Madame d'Orbigny — *Marie Ritter*
Madame Serafim — *Jalabert*
A Ballena — *Mabel Guitty*
Madame Pipelet — *S. Duhamel*
Rigolette — *P. Caillol*
A loba — *Berendt*
Cecilia — Desdemona Mazza
Marqueza d'Harville — *Suzanne Bianchetti*
Clara Dubreiul — *Simone Vaudry*
Madame Georges — *Sidéle Mundo*
O Principe Rodolpho — Georges Lannes
O Mestre-Escola — *G. Dalleu*
O Sangrador — *C. Bardou*
O tabellião Ferrand — *Vermoyal*
François Germain — *P. Fresnay*
Marquez d'Arville — *P. Guidé*
Pipelet — *Ch. Lamy*
Martial — *G. Modot*
Murph — *Maupain*
Braço-Vermelho — *Blancard*
Tortillard — *Martin*
Thomas Seyton — *Pilot*
Morel — *C. Liten*

Naquella casa praticava-se a caridade. Por isso o cego foi immediatamente recolhido.

(Continuação)

Um incidente despertou sua attenção quando Alfredo Pipelet, todo amabilidades, lhe referia nomes e o que sabia a respeito da vida dos moradores da casa.

Um grito horrivel partiu nesse momento de um dos aposentos cuja porta se conservava fechada. Pipelet explicou, então, que alli morava um dentista, o Sr. Boadamanti e que se tratava naturalmente de alguma extracção de dente.

Porem o principe, que, impressionado com o grito, bateu á porta, viu atravéz uma vidraça a figura de um homem, que lhe pareceu ser Polidoni.

Ora, entre os moradores d'aquella casa havia uma costureira de nome Rigolette e que, conforme as informações de Pipelet, fôra educada na prisão até a edade de 16 annos. Essa locataria afigurou-se logo ao principe um poderoso elemento de auxilio á empreza iniciada.

Noutro aposento morava a familia de honesto lapidador Morel, cujos ganhos de 2 francos diarios mal chegavam para occorrer ás necessidades de sua pobre familia. A filha mais velha do in-

(Continua na pag. 30).

Ouvindo o nome do Dr. David, o *Mestre Escola* não poude disfarçar uma expressão de horror.

Por uma incomprehensivel preferencia, a extremosa mãi dava sempre razão ao filho mais velho.

A' propria filha ella consolava dos maus tratos de Henrique sem se atrever a castigar o máu irmão.

Veneração extrema

Novella de PAUL H. SLOANE

Cinematographada pela *Fox Film Corporation* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Anna Webb — MARY CARR
João Webb, seu marido — *Lynn Hammond*
João, seu filho, creança — *Knox Kincard*
João, homem — *Percy Helton*
Henrique, creança — *Joseph Monahn*
Henrique, homem — *Joseph Striker*
Ruth, creança — *Mary Beth Carr*
Ruth, mulher — *Jane Thomas*
O tio André — *Claude Brook*
A viuva Martin — *Florence Short*
O presidente do Banco — *Roger Lytton*
Jerry Gibbs — *Ernest Hilliard*

———

Em uma pequena povoação norte-americana vive a familia WEBB. O chefe da familia, JOHN WEBB, pai de trez filhos, dous meninos e uma menina, é um inventor. Sua esposa, ANNA, mãi carinhosa e dedicada, possúe excepcional habilidade para negocios, assumpto de que seu marido nada entende.

A SRA. WEBB, amando profundamente a todos os filhos, professa, entretanto, preferencia por seu primogenito, HENRIQUE, de quem tolera todas as diabruras, a tal ponto que o rapaz cresce sem nenhuma ideia da chamada educação domestica. E o pequenino JOÃO é a victima preferida das travessuras de seu irmão mais velho.

Um dia, ao cabo de longas e constantes experiencias, JOHN WEBB consegue o aperfeiçoamento de uma machina de costura em que trabalha desde muito tempo. Ao fazer publico seu invento promptamente apparece um capitalista, que lhe offerece 10 000 dollars pelos direitos da patente, porem a SRA. WEBB, que antevê o valor real do invento de seu marido, oppõe-se a essa venda.

Poucos dias depois o SR. WEBB fallece [illegible]tamente, ficando a viuva com o encargo de reger os destinos da familia.

Passam-se então [illegible]guns annos de [illegible]deira luta, porem, [illegible]ta de esforços [illegible]tes, consegue a [illegible] WEBB com o auxilio do TIO ANDRÉ, estabel[illegible] uma bôa empreza, [illegible]bricando a machina de costura de invenção do seu mallogrado esposo.

Como em sua infancia, HENRIQUE continua a ser o predilecto de sua mãi que [illegible] lhe regateia quanto [illegible] pede o rapaz e este

Como poderia ella se manter impassivel diante d'aquellas supplicas ?

Mais uma vez, diante de um conflicto infantil, a mãi parcial tomava uma attitude injusta.

por sua vez já acostumado á abundancia de dinheiro e á incansavel benevolencia de sua mãi entrega-se a constante vadiagem.

Em seu grande empenho de se introduzir na alta sociedade e apparentar o que realmente não fé, vendo que o seu ordenado na fabrica de sua mãi já não chega para satisfazer seus esbanjamentos, resolve abandonal-a para entrar em emprezas duvidosas, que lhe promettem lucros fabulosos.

Mas, como sempre succede em taes casos, a empreza em que Henrique se mette não tarda ameaçando fracassar, a menos que se lhe augmentasse o capital.

Em tal emergencia, Henrique, não mais se atrevendo a solicitar dinheiro de sua mãi, acha-se em situação difficil, mas encontra logo um ponto de sahida: apodera-se de 1.000 dollars pertencentes á fabrica, e que estavam sob a guarda de seu irmão João.

Não sendo surprehendido, habitua-se a voltar á mesma fonte, onde satisfaz clandestinamente suas insaciaveis necessidades.

Mas para João a situação se torna terrivelmente angustiosa.

Desde certo tempo elle nota que vêm desapparecendo mysteriosamente da caixa a seu cargo quantias mais ou menos importantes, sem que elle saiba dizer como. Recordando-se, porem, de haver visto Henrique uma noite no departamento da caixa, João intimamente o accusa de furto, mas, por temor a seu irmão, guarda o segredo, occultando mesmo a sua mãi o que se passou, fazendo assim com que recaiam sobre si mesmo as suspeitas.

Abusando d'essa situação, Henrique assume uma attitude aggressiva e accusando o proprio irmão de haver roubado cobardemente sua mãi, obriga-o a abandonar a fabrica e refugiar-se em casa de sua irmã Ruth, que se havia casado secretamente com um rapaz de condicções humildes e que por isso mesmo era desprezado por Henrique.

(*Conclue no proximo numero*)

Leviano e sem escrupulos, o joven Henrique tudo sacrificava para viver naquelle meio de falsa elegancia.

Quando o telephone tilintou Purdy voltou-se num movimento de susto irreprimivel.

De uma vez foi preciso que elle viesse arrancar Sylvia das mãos de William.

A pena capital

Conto de JULES SETH

Cinematographado pela Universal, *tendo como principaes interpretes* FRANK MAYO, SYLVIA BREANER e F. MAC COULOUGH.

Naquelle dia, o Grande Jury de Lincoln Country estava reunido para apurar o caso de um roubo de carneiros, occorrido numa das estradas que irradiavam da villa.

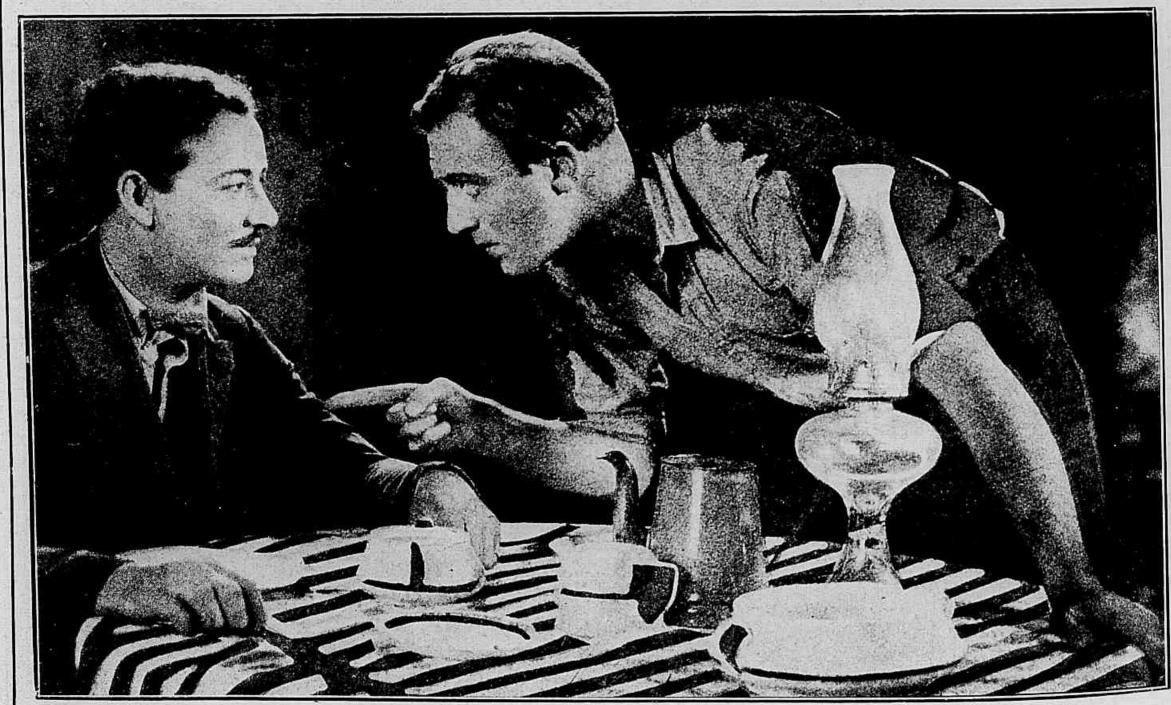
O juiz havia mandado citar o jovem, herculeo e sympathico SAMUEL PURDY, um rapaz que alli se estabelecera alguns mezes antes, afim de ver se elle poderia prestar esclarecimentos uteis ao inquerito que se estava fazendo sobre esse roubo.

Quem era SAMUEL PURDY? Um homem cujo passado todos ignoravam, mas a quem todos alli tinham em pouco tempo se habituado a estimar por suas excellentes qualidades. Era um esforçado, um trabalhador incançavel, um homem leal, prestativo e honesto, que conquistara heroicamente a vida, arrancando a custa de pertinacia sem egual seu sustento e mesmo algum lucro de um pequeno terreno.

Mas eis que SAMUEL chega, em seu modesto automovel. Detem-se diante do edificio do Jury mas hesita em subir a escada que leva á sala do tribunal. Evidentemente elle traz a alma perturbada por alguma seria preoccupação. Como se pode explicar isso numa creatura habitualmente calma, senhora de si e de vida irreprehensivel?

Mas afinal, SAMUEL decide-se; sobe a escada num só impeto e apresenta-se ao Grande Jury; mas antes mesmo que o interroguem, elle começa uma surprehendente confissão:

— Sim, meus senhores — diz elle livido e desfigurado pela emoção. — Fui eu quem matou aquelle homem !

O espanto é geral. Os grandes jurados que nunca o imaginaram capaz de um crime ficam immo-

Mas então, eu nunca mais poderei viver tranquillo ?...

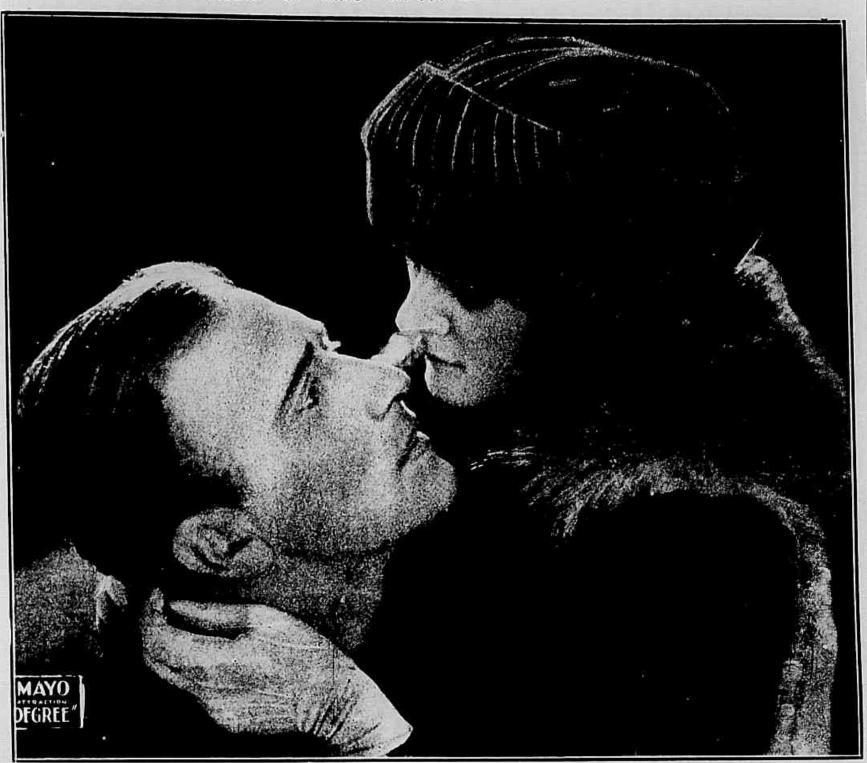
veis e mudos de surpreza, porem
Purdy, sem permittir que a assis-
tencia volte a si de seu pasmo, co-
meça a relatar sua tragica histo-
ria.

Era feliz. Amava uma linda moça, que lhe retribuia esse amor com sincera ternura. Mas outro homem a desejava, tambem e esse homem era William, quasi seu irmão, pois que fôra amammentado pela mesma ama.

Repellido por ella, William jurou vingar-se e desforrar-se cruelmente d'esse humilhante desprezo.

Samuel Purdy era empregado em um banco, que, um bello dia, foi assaltado por ladrões. Chegando no momento, por um lamentavel engano, foi elle detido como suspeito no caso, tanto mais quanto, para cumulo de infelicidade, foi visto em suas mãos um masso de notas, que um dos lara-pios deixára cahir ao fugir.

Sm poder explicar-se,tendo contra si todas as apparencias, Purdy foi preso e esteve encarcerado durante mais de um anno. Ao sahir do presidio, sem que jámais o amor e a saudade da creatura amada deixasse de acompanhal-o dirigiu-se para outra cidade, onde não lhe foi difficil achar trabalho; e como era intelligente e esforçado não tardou a conquistar uma posição invejavel.

Tão bemquisto se tornou, que

Sómente sua noiva se mantivera fiel e confiante nelle.

Fôra assim que, por uma coincidencia fatidica, elle se vira arrancado aos braços de sua amada para ser recolhido á prisão.

os chefes eleitoraes o escolheram para candidato ao cargo de prefeito e o dia da eleição se approximava, quando alli appareceu WILLIAM, o miseravel que começou a exercer sobre elle a mais odiosa dasc *hantages*, exigindo-lhe dinheiro sob a seguinte ameaça:

— Ou tu me serves, ou eu te denuncio como um antigo sentenciado! E como PURDY recusasse obedecer-lhe o bandido denunciou-o de facto.

Envergonhado, SAMUEL PURDY d'alli partiu, com a alma em desespero. E foi ter á villa onde agora se achava, cercado pela estima geral, aguardando a proxima chegada de sua noiva, quando, numa noite tempestuosa, alguem lhe bateu á porta. Era WILLIAM, que, cynicamente, de novo o ameaçava, de novo lhe exigia dinheiro, em troca de seu segredo!

SAMUEL agora odiava-o, aquelle bandido, que se constituira sua sombra. Uma nuvem de sangue escureceu-lhe os olhos e elle atirou-se ao miseravel. Lutaram. Foi uma luta tragica! WILLIAM cahiu a seus pés, inanimado. SAMUEL carregou-o para fóra de casa, atirou-o á estrada, de modo que todos acreditassem, quando o encontrassem, ter sido WILLIAM victima de um accidente.

E as horas começaram a correr para elle terriveis. A cada momento, esperava a justiça, que lhe vinha pedir contas de seu crime. Dolorosos e amargos momentos, esses!

No dia immediato, quando ia se entregar aos seus afazeres, eis que o telephone o chama. Era o official de diligencias, que o intimava a comparecer perante o tribunal. Alli estava e confessava seu delicto. "Sim, meus senhores, fui eu quem matou aquelle homem".

SAMUEL chorava, emquanto os jurados se entreolhavam commovidos. Um d'elles cortou afinal o silencio, para falar, não em nome da lei, mas em nome do coração de todos. Comprehendiam-lhe a dôr e o desespero, achando poderosos os motivos que o haviam levado a um gesto tão tragico.

Mas explicaram-lhe que não sabiam cousa alguma a esse respeito.

Não fôra por isso, que haviam exigido sua presença alli, perante o tribunal, mas apenas para esclarecer um caso bem differente. Queriam ouvil-o sobre um roubo de carneiros e saber se elle poderia estabelecer a identidade de um homem desconhecido no logar e que haviam prendido, como responsavel, por esse roubo.

O accusado é trazido á sala do Jury e SAMUEL com immensa surpreza duvidando do que os seus olhos viam, encontrou-se em presença de WILLIAM.

Que! Seria possivel!

Sim. Era elle. WILLIAM não morrera e tentava agora atirar-se de novo como seu inimigo, que se defende corajosamente.

Separam-os e o bandido vai passar o resto dos seus dias sequestrado da sociedade, permittindo que SAMUEL seja feliz, ao lado da creatura muito querida que nunca o esquecera e se mantivera sempre fiel a seu amor.

JULES SETH.

A volta ao mundo em 18 dias

(Continuação da pag. 19).

A' noite o resoluto rapaz vai ao Club Cosmopolitam e lá encontra o SR. BRENTON, que se vangloria de sua proxima victoria sobre o SR. HARLOW.

— Está enganado — disse-lhe PHILÉAS. — Eu parto amanhã e vou obter o voto de todos os accionistas.

BRENTON desata a rir e declara que aposta cem mil dollars em que nem elle nem pessoa alguma será capaz de dar volta ao mundo em dezoito dias.

— Pois acceito o desafio — diz PHILÉAS.

Sahindo d'alli passa pela casa do SR. HARLOW para se despedir de MISS MADGE e vai preparar sua mala com o auxilio de JIGGS, seu fiel criado.

O SR. BRETON, porem, impressionado com a confiança que PHILÉAS manifestára no exito de sua tentativa e arrependido de haver apostado uma tão elevada quantia, resolve agir traiçoeiramente contra elle. Começa por enviar emissarios bem pagos afim de evitar seu embarque ou prendel-o a bordo por que, para ganhar tempo, o rapaz embarcou sem passaporte.

Felizmente MISS MADGE tem conhecimento dos planos do SR. BRENTON e aluga um hydroplano no qual parte em seguimento do navio.

De facto, o SR. BRENTON deu denuncia contra PHILÉAS e alguns agentes da policia do porto alcançam o navio em um bote automovel para prendel-o.

Ser preso... Voltar a New York... Seria o fracasso de sua viagem. PHILÉAS desespera-se mas vê no ar um hydroplano, que passa muito baixo. Reconhece nelle sua amada. E' a salvação! Com a agilidade de um athleta treinado em todos os sports, PHILÉAS sobe ao mastro do transatlantico, alcança a mais alta das vergas e dalli, agarrando-se a uma corda que pende do hydroplano, passa para o vehiculo aereo deixando os policiaes allucinados de colera impotente.

(Continua no proximo numero)

O juiz e o orphão

(Continuação da pag. 5)

fechou as valvulas a agua jorrou por todas as bicas inundando tudo!

Peior ainda! Vendo que não conseguia estancar a agua, no porão, elle metteu umas martelladas no cano de ferro, e soltando a arruela a agua espirrou em borbotões, cachoeirando, enchendo tudo. O alarma foi grande. Os criados, o mordomo e o jardineiro correram atraz do pequeno, em um *steeple-chase* fantastico. E o garôto soffreria um castigo em regra se não surgisse a dona da casa que não o culpou mas sim os criados que haviam consentido em entregar trabalho tão serio a uma creança. E ainda lhe deu cinco dollars quando soube por que viera, elle em logar de seu pai.

Cinco dollars! Uma fortuna que ia alegrar a mamãisinha! E elle chega com a nota, novinha. Mas o mandrião do funileiro acordára e viu o dinheiro. Exige-o immediatamente e como a esposa não lh'o dá elle a maltrata, atira-a ao chão, toma-lhe a nota. Mas o garôto sabe surripial-o sem que elle o perceba. Dando porem pela falta do dinheiro o brutamontes avança para a creança e como Mary intervenha elle a prosta sem sentidos no soalho da loja.

Ouviu-se porem o barulho da luta lá fóra e um policial penetra alli, deparando-se-lhe aquelle espectaculo: a mulher cahida ao chão, desaccordada, e a criança nas mãos do miseravel, que logo a abandona ao ver o representante da lei. Este adianta-se, mas o funileiro é um homem forte e resiste. Trava-se uma luta titanica entre ambos, e o policial, mais fraco, embora resista com valor, não resiste a um socco bem applicado e tomba. Então o miseravel levanta uma pesada cadeira e vai arremessal-a sobre o craneo do desgraçado... Mas Danny está alli. Toma de um pesado vaso de barro e lança-o á cabeça do marido de Mary que atordoado, com a testa sangrando, cahe por sua vez. O policial que voltára a si algema-o e leva-o preso.

Na cidade do interior, onde tinham existencia pacata e feliz de fazendeiros os pais de Mary vieram a saber o que se passáva com sua filha que nunca lh'o quizera dizer, porquanto se casára contra a vontade da familia. Tendo lido nos jornaes o que se passára na casa do funileiro, o pai não quer saber de Mary, porem sua esposa intervem.

Agora está reunido o tribunal, que vai julgar o funileiro. Na primeira fila dos assistentes estão os pais de Mary. Esta é chamada a depor. Seu depoimento não faz carga sobre o miseravel, por que é seu marido. Mas o velho juiz lobriga a criança esperta que ella tem ao lado e quer ouvil-a.

— Aquella senhora é sua mãi?

— Não, mas eu a adoptei! — responde elle orgulhoso, para logo depois ajuntar, apontando para Eduardo

— Mas não adoptei aquelle desordeiro.

Como o velho juiz peça que elle narre o que houve, eil-o a fazer, cheio de gestos, a narração do que succedera, desde a sua volta do "serviço", quando o "pai" quizera tomar-lhe o dinheiro, a luta, a chegada do policial e sua intervenção opportuna com o vaso de barro. E a sentença não se fez esperar

— Dois annos de penitenciaria.

Mas o garôto, approximando-se da mesa do juiz, nas ponta de pés, pergunta

— Oh! Sr. juiz. Dous annos. — Francamente não acha pouco? Para ahi uns cem annos seria melhor.

Foi com a narração do pequeno que os pais de Mary se commoveram. Só então, pela bocca d'aquella criança elles vinham a saber quanto a soffria a filha, e o pai perdoou, levando-a comsigo,

O Jackie Coogan e seu cão.

para nunca mais ver esse marido carrasco e criminoso.

Assim, Danny e King tambem passaram a gozar a deliciosa vida dos campos, socegada, feliz...

Samuel Smithson.

A homicida

(Continuação pag. 11)

fella-me de tal modo por que não me conhece e de certo deu ouvidos a calumniadores. Pois agora sou eu que faço empenho em que me conheça melhor. Olhe, hoje, é o dia de meus annos e dou uma festinha em minha casa. Para provar que não lhe guardo rancor, peço-lhe que me dê a honra de ser logo mais um de meus convidados.

Que sentimento levaria miss Lydia a fazer similhante convite ao *attorney*, que acabava de a tratar com rigida frieza? Um mysto de curiosidade e capricho. Era aquella a primeira vez em que um homem não se desmanchava em galanterias ao vel-a, era a primeira vez em que lhe diziam cousas severas, em que se atreviam a julgar e censurar um acto seu... E esse homem, em plena mocidade, tinha aspecto agradavel, porte altivo, olhar profundo. Tudo isso produzia sobre miss Lydia uma impressão confusa mas muito forte e foi obedecendo a um impulso irresistivel que ella procurou um pretexto para tornar a vel-o.

E Daniel foi á annunciada "festinha". Por que? Elle não o confessaria nem a si mesmo, mas a belleza de Lydia, sua inconsciencia, sua mocidade haviam deixado nelle um mundo de impressões variadas e perturbadoras. Seu primeiro sentimento, de accordo com sua alma nobre e humanitaria era de immensa piedade. Que pena ver uma moça tão bonita empregar tão mal os dons preciosos que o Destino lhe déra a mãos cheias! Daniel tentava reagir contra a emoção que ella suscitára em seu peito e, procurando explical-a attribuiu-a a curiosidade... Sim, miss Lydia Thorne era um singular producto da educação meio em que vivia; seria interessante observal-a mais de perto para verificar até que ponto a vaidade, o excesso de felicidade e o poderio da fortuna tinham estragado aquelle espirito, que parecia instinctivamente bom e simples.

E, com esse pretexto, o jovem *attorney* foi á casa de miss Lydia onde, logo ao entrar, ficou assombrado. Elle nunca imaginára que uma pessôa pudesse esbanjar assim uma fortuna em uma noite.

O luxo dos salões em que elle penetrava quasi timidamente era deslumbrante, prodigioso e os convidados de Lydia agitavam-se numa alegria tumultuosa, que deu a Daniel a impressão de uma festa pagã, uma d'aquellas orgias de Roma no periodo da decadencia.

No momento em que elle chegou, Lydia punha em leilão um beijo seu, em beneficio de uma obra de caridade. Todos os homens presentes porfiavam em lançar grandes quantias e á frente de todos distinguiam-se por seu enthusiasmo o jovem millionario Roberto Dorset e o Sr. Stephen Albee, antigo governador da cidade.

Vendo Daniel, miss Lydia pergunta-lhe por que não toma parte no leilão.

— Por que acho que um beijo não deve ser objecto de compra ou venda.

— Ora!... — exclamou Lydia voltando-lhe as costas agastada.

Pouco depois, quando ella estava sob o peso d'esse mau humor, sua criada Evans aproveitou um momento em que ella tinha ido a seu *boidoir* e pediu-lhe mil dollars.

— Para que quer você uma quantia d'estas assim de repente?

A pobre moça explicou. Tinha um filho enfermo devia já muito ao medico e á pharmacia, e o menino peiorara. Queria pagar as contas em atrazo para ter a certeza de contar com os soccorros de que seu filho necessitava...

— Ora adeus! Não estou para ouvir lamurias agora — atalhou miss Lydia, voltando ao salão do baile.

Uma hora depois subindo a seus aposentos, a tresloucada encontrou seu cofre aberto. — Num impulso de colera voltou ao salão e communicou o facto a Daniel pedindo-lhe que providenciasse.

O *attorney* veiu observar o cofre e a perturbação de Evans chamou-lhe logo a attenção. Interrogou a pobre criada; ella desatou a chorar mas não poude negar o crime e Daniel não teve outro remedio senão envial-a para a prisão. Mas muito commovido com o desespero da culpada voltou ao salão para fallar a miss Lydia.

Encontrou-a dansando e rindo. Essa indifferença pelos desgostos alheios causou-lhe indignação tamanha que elle viu de novo naquella festa o delirio de uma bacchanal e desejou ser um dos chefes barbaros que invadiram Roma para castigar as patricias sem moral e sem coração.

Afinal, quando a dansa cessou elle poude approximar-se de miss Lydia e explicou-lhe a dolorosa situação de Evans. Criminosa confessa, a criada só poderia escapar a uma severa sentença se ella fosse em pessôa ao tribunal declarar que retirava a queixa.

— Pois irei; só para lhe fazer a

vontade — respondeu MISS LYDIA com um sorriso faceiro.

— Não é d'isso que se trata — respondeu DANIEL gravemente. — Eu desejo que a senhora salve aquella desgraçada por que não é justo que ella vá pagar na prisão uma falta tão justificavel.

— Pois está bem, meu caro amigo, irei. A que horas devo estar no tribunal?

— Ao meio dia — disse DANIEL.

— Ao meio dia — repetiu MISS LYDIA, afastando-se pelo braço do SR. STEPHEN nos volteios de um *fox-trott*.

Mas a festa se prolongou até a madrugada e a dona da casa fez tal honra a seu proprio champagne que,no dia seguinte, sua dama de companhia só conseguiu despertal-a a 1 hora da tarde.

Já nada mais podia salvar a pobre EVANS da prisão.

(*Continua no proximo numero*)

Soffrer, sorrir e beijar

(Continuação da pag. 22.)

particular do SR. WHEELER. Um e outro seguindo o exemplo dos donos da casa não perdiam uma opportunidade para manifestar sua antiga antipathia. E como se isso não fosse bastante tambem o copeiro DINWIDDY e a creada de quarto DELLA, que se tinham namorado mezes antes andavam em arruffo, que explodia a cada instante em discussões.

Foi no meio d'esse pandemonio que surgiu CLARENCE um jovem soldado voluntario desmobilizado de pouco por motivo de ferimento e enviado alli pelo governo afim de convalescer. Dada sua situação social, o SR. e a SRA. WHEELER não podiam consentir que um defensor da patria naquellas condições fosse para um hotel. E fizeram questão de lhe offerecer hospedagem.

Ora CLARENCE era timido, excessivamente timido. Ao fim de alguns dias alli, a familia WHEELER só tinha conseguido descobrir a seu respeito duas cousas — que elle entendia muito de animaes e que tocava saxophone com muito gosto. Mas no dia em que se atreveu a conversar com o SR WHEELER sobre negocios aconselhou-lhe uma iniciativa que o deixou deslumbrado e fazendo a melhor ideia sobre seus dotes cerebraes. No dia seguinte elle esclarece o espirito de MRS WHEELER a respeito a uma duvida sobre etiqueta, põe em accôrdo ROBERTO e CORA, sobre a escolha de local para um *pic-nic*...

Em summa ao fim de uma semana elle se tornára o confidente o amigo indispensavel de cada um dos habitantes daquella casa.

E não foi só isso. Uma tarde CLARENCE teve occasião de prestar maior serviço a familia impedindo que o pretencioso HUBERT STEM raptasse MISS CORA.

Mas nessa occasião elle é obrigado a agir com tão febril ligeireza que deixa cahir do bolso uma carteira. E' HUBERTO quem a encontra e pela leitura dos papeis que ella contem fica convencido de que o perturbador de suas manobras não é o soldado CLARENCE e sim um desertor.

A vista d'isso resolve espional-o e descobre que o timido e perfeito, o irreprehensivel CLARENCE está de namoro ferrado com MISS VIOLETA, a formosa governante.

Denuncia-o e como o jovem ROBERTO tinha tambem pretenções sobre MISS VIOLETA o escandalo é tamanho que MRS. WHEELER resolve despedir summariamente a governante.

Mas o innocente CLARENCE que ignorava todos os terriveis projectos traçados em torno d'elle, começa a embalar sua alma sonhadora, tocando uma linda canção em seu saxophone. E eis toda a casa presa de um encanto irresistivel. MISS CORA esquecendo sua infantil aventura com HUBERTO vem ouvil-o enlevada; a propria MRS. WHEELER sorri acompanhando o compasso da musica com movimentos de cabeça. DELLA interrompe seu serviço para ouvir tambem.

Quando se cansa de tocar CLARENCE vai se sentar no jardim e MRS. WHEELER a seu lado começa a lhe relatar os incidentes da recepção a que assistiu na vespera, quando nota que o rapaz tem toda a sua attenção voltada para um besouro, que surgiu rastejando pela relva.

Nesse momento HUBERTO chega com o SR. WHEELER a quem communicou suas suspeitas. O negociante vem exigir explicações de seu hospede. Como demonio diz elle chama-ser CLARENCE quando só tem na carteira cartas dirigidas a SMITT?

— Pois eu me chamo CLARENCE SMITT.

O SR. WHEELER fita-o ainda duvidoso quando o creado traz uma carta que chegou dirigida ao "Dr. Clarence Simitt".

— E é doutor? Doutor em que? pergunta o negociante.

O ex-soldado mostrou-lhe a carta. Era do reitor da Universidade de Pennsylvania convidando o eminente sabio do DR. CLARENCE SMITT para o cargo de professor de entomologia.

Sim era elle embora tão moço ainda, o notavel professor SMITT que a vista d'essa nomeação ia partir sem mais demora.

E sómente uma pessôa não ficou triste com essa noticia — MISS VIOLETA por que ia partir com o sympathico e timido professor para se tornar em breve MRS CLARENCE SMITH

BOOTH TARKINGTON

Nos cabarets de New York

(Continuação da pag. 15.)

prezario já está disposto a contractal-a quando se lembra de lhe perguntar:

— Onde tem trabalhado?

— Em Paris. Eu sou GLORIA DE MOYNE — responde ousadamente MARY.

O emprezario que tambem leu a noticia do escandalo com o duque de SAUTERNE fica satisfeitissimo, offerece-lhe um grande ordenado e manda annunciar sua estréa fragorosamente fazendo grande reclame em torno do nome de GLORIA DE MOYNE.

Tudo isso faz com que na noite da estréa uma verdadeira multidão encha o *cabaret* e a belleza de MARY, sua graça inimitavel transformam a estréa em um triumpho sem egual.

Em poucos dias ella se torna a bailarina mais famosa de New-York e os mais elegantes rapazes porfiam em appaludil-a e cercal-a de galanterias. Conservando embora o terror de ver descoberto seu embuste, a linda MARY aproveita aquella situação para dar a sua mãi o conforto de que ella precisa; e mantem-se impassivel no meio da multidão de galanteadores.

Apenas um tem o dom de tocar seu coração, JIMMY CALHOUN, o filho de um grande capitalista. Esse rapaz é tão meigo, tão gentil e parece ter por ella uma affeição tão sincera, que MARY não fica insensivel a suas palavras de amor.

JIMMY era de facto um rapaz de alma nobre e dedicada. Amando profundamente MARY, observou-a attentamente, seguiu-a, verificou que sua vida irreprehensivel era inteiramente dedicada ao lar e decidiu pedil-a em casamento.

Porem, seu pai, o SR. CALHOUM, não tinha as mesmas razões para acreditar na honestidade da bailarina e inquieto á noticia de que JIMMY pretendia desposal-a resolveu fazer uma experiencia. Offereceu-lhe um sumptuoso banquete e durante essa refeição tentou embriagal-a para ver se assim lhe arrancava confidencias sobre seu passado. Porem a despeito de seus esforços a moça recusou beber fosse o que fosse e o velho capitalista perdeu tempo com sua insistencia.

Mais eis que chega a New-York o duque de SAUTERNE e vendo nos annuncios dos jornaes o nome de GLORIA de MOYNE corre ao *cabaret* para vel-a. Chega, reconhece que se trata de outra bailarina, como está embriagado, dirige-se a ella fingindo acreditar que é a parisiense e tratando-a com excessiva intimidade. MARY livida de susto tenta afastar-se d'elle, mas o fidalgo bohemio a nada attende e tão grosseiramente se porta que JIMMY é obrigado a intervir e trava luta com elle.

MARY aproveita essa confusão para fugir. O duque nota sua retirada e desvencilhando-se ardilosamente de JIMMY segue-a.

Chegando a sua casa MARY tem a surpreza de encontrar alli seu pai. Sim. O SR. MAC GUIRE fôra afinal informado de que sua filha estava sendo obrigada a trabalhar para viver e resolvera vir de S. Francisco da California, onde vivia, para soccorrel-a. Assim quando o duque se atreveu a penetrar alli encontra um homem que lhe faz frente. JIMMY tambem não tarda a chegar acompanhado por um policial que prende o duque.

Tendo noticia de todo esse tumulto, o SR. CALHOUN vem tambem receioso do que possa acontecer a seu filho. Entra e ao ver o pai de MARY estende-lhe os braços com grande alegria. O SR. MAC GUIRE é um dos mais intimos amigos, um companheiro de sua infancia.

Assim tudo se explica. MARY não precisará mais de dansar num *cabaret* e o proprio SR. CALHOUM faz officialmente o pedido de sua mão para JIMMY.

JOHN B. CHYMER

Mysterios de Paris

(Continuação da pag. 23.)

feliz operario trabalhava na casa de FERNAND mas, a despeito d'isso a miseria, que se notava no aposento era impressionadora.

A noticia da chegada de um novo morador, como sempre acontece nas habitações collectivas, tornou-se o assumpto obrigatorio.

Naquelle mesmo dia, a CORUJA reapparecia na rua das Favas, emquanto RODOLPHO comparecia ao baile dado na embaixada da Illyria.

CLEMENCIA D'HARVILLE alli está enleiada pelas mais torpes seducções e intrigas.

E no covil do MESTRE ESCOLA cuidava-se do futuro com THOMAS SEYTON.

Como se vê o incorrigivel criminoso, mesmo cégo, ainda tem impetos de furor assassino e protesta vingar-se terrivelmente do principe RODOLPHO.

QUINTA EPOCA — AS CONSEQUENCIAS DE UM BAILE NA EMBAIXADA

O baile da Embaixada de Illyria corria por entre as mais ruidosas manifestações de jubilo. O numero de convidados era consideravel e d'ahi, a par de outras difficuldades e interesses, a desistencia da selecção, que fôra de desejar.

E, como sóe acontecer nas grandes festas, meio propicio á acção dos aventureiros, campo largo

Duas attitudes de Miss Gloria Swanson no film "Da pobreza á opulencia."

para o desenvolvimento da intriga, da malicia, da perversidade, da mentira, de grandes males occultos pela embriaguez do luxo, alli se urdia uma trama terrivel de perfidia. SARAH MAC-GREGOR, que se munira de titulos para penetrar na côrte do grão duque MAXIMILIANO, ella, que com sua belleza radiante, empolgára o principe RODOLPHO, arrastando-o uma paixão funesta, deveria triumphar mais uma vez.

A marqueza d'HARVILLE poderia auxiliar o encontro das creaturas que ella separára, na mais criminosa das ambições e era de quanto bastaria para provocar seu odio. A ingenuidade da victima facilitaria a realização do plano architectado; era facil comprometter a marqueza, accusando-a como adultera.

LUCENAY tinha seu logar de destaque no miseravel conluio. Turbulento e audacioso, capaz de qualquer torpeza, elle era um mal cujo contagio entrára na conta dos elementos necessarios ao successo da empreza de SARAH.

O principe RODOLPHO, porem, continuaria de escalpello em punho a surprehender os cancros sociaes. No baile, elle era o mesmo espirito perspicaz e penetrante. De quando em quando seus olhos pescrutadores adquiriam um fulgor estranho, que não se percebia bem, por se harmonisar com o todo fidalgo de seu porte. Uma simples phrase, ouvida a distancia, indistincta para outrem evocou em sua memoria a scena, que elle observára no dia em que se dirigira á rua do Templo para alugar um quarto. O carro que elle vira, a passageira mysteriosa e sobre tudo a dialogo travado entre o cocheiro e a SRA. PIPELET. Algumas palavras ouvidas no cortiço da rua do Templo e agora repetidas a um dos convidados foram o sufficiente para denunciar-lhe a verdade tão procurada. O acaso entregára-lhe a chave do segredo, origem de suas incessantes e dolorosas preoccupações. E elle testemunhava, alli, a perda da mulher, que tanto amára.

CLEMENCIA resignou-se a avançar para o precipicio, que lhe offerecia a perversidade de SARAH. O principe conhecedor da intriga, deixára a festa sem ter tido opportunidade para intervir..

Pela manhã o marquez d'HARVILLE, em seu quarto, é preso de violenta accesso epileptico.

Succedem-se os periodos de excitação; em gestos impulsivos elle destroe os objectos, que alcança, rasga as vestes e até mesmo as carnes.

A falsa denuncia recebida fazia-o julgar-se desgraçado para sempre. A sociedade não perdoa, não esquece, antes, tem interesse em reviver os escandalos.

Nos momentos de lucidez, elle julgava ouvir de novo aquellas palavras denunciadoras de toda sua desventura — «Amanhã, á 1 hora, sua mulher irá á rua do Templo n. 17.

Trata-se uma entrevista amorosa».

Um de seus criados surprehendeu-o ainda na phase delirante.

Pelo quarto parecia ter passado um tufão: e o marquez agitava-se com as vestes dilaceradas e ensanguentadas.

De subito surgiu em seu espirito doente a resolução do crime.

Mudou de vestuario e decidiu acompanhar a adultera. Armou-se e seguiu-a.

O desfecho de tudo isso seria uma tragedia, se o principe não se dispuzesse, mais uma vez, a desempenhar o papel da providencia. Em chegando á rua do Templo a marqueza d'HARVILLE ouviu d'elles estas palavras: — «Seu marido foi informado de tudo e acompanhou-a. Suba ao quarto andar e, quando interpellada, diga que veiu soccorrer a familia MOREL»

Momentos depois chegava o marquez.

O plano de RODOLPHO, para cuja execução foi solicitado o auxilio valioso e indispensavel da SRA. PIPELET teve o effeito desejado. A marqueza desorientada penetrou no aposento occupado por MOREL, sem notar sequer a miseria, que alli havia.

***

Entretanto, a CORUJA, ás ordens de SEYTON, entrára novamente em actividade, auxiliada por TORTILLARD, então empregado de BRADAMENTI, o dentista em casa de quem o principe RODOLPHO vira a photographia de POLIDORI. A CORUJA preparava-se para ir a Bouqueval capturar FLOR DE MARIA.

***

Quanto ao FAQUISTA os factos succediam-se de accordo com seus merecimentos. Conduzido pelo professor MURPH havia-se sahido brilhantemente nas provas a que era submettido. Cada vez mais inclinado para o bem, não se considerava credor do principe, pelos beneficios que lhe prestára, nem o abandono simulado lhe causára magua. E qual não foi sua surpreza quando o professor MURPH, levando-a á aldeia visinha ,lhe disse entrando em uma confortavel casa de campo.

— Esta casa é sua.

Se os bons, os que jamais conheceram o mal têm direito a apoio, muito mais merecem do que viveramn o vicio e não se deixaram vencer.

***

Emquanto se desenrolavam esses acontecimentos o carro de BARBILLON alcançava a propriedade do principe RODOLPHO, em Bouqueval. Alli desembarcaram o MESTRE ESCOLA, a CORUJA e TORTILLARD. O rapto de FLOR DE MARIA era questão de tempo. Emquanto esperavam o momento opportuno, a CORUJA e TORTILLARD distrahiam-se com a cegueira de MESTRE ESCOLA, com suas coleras impotentes com suas quedas, seu desespero.

FLOR DE MARIA, apoz a visita do vigario, seu preceptor, tinha por habito acompanhal-o até o presbyterio, tornando á casa sósinha. Essa circumstancia facilitaria a execução do plano dos trez miseraveis.

Naquelle dia, porem, a Providencia velou pela sorte d'aquella que já soffrera bastante. Seguiram-n'a dous homens e d'ahi o receio dos assaltantes, que resolveram aguardar outra occasião.

Mais tarde um cégo e seu guia pediam a um dos empregados de Bouqueval que lhes permittissem descanço no estabulo da propriedade.

Praticava-se alli a caridade e, por isso, o miseravel foi logo attendido, sendo-lhe offerecida farta refeição.

A' mesa onde tambem comiam, no momento, os empregados da propriedade, foram abordados varios assumpmtos até que a palestra recahiu sobre a pessôa da SRA. GEORGES. Observaram ser a primeira vez, a partir de longa data, que a bôa senhora deixava de estar presente. Um outro respondeu que a SRA. GEORGES não passára bem a noite e assim se justificava sua ausencia. Os incommodos de FLOR DE MARIA foram tambem referidos e, finalmente, veiu á baila a competencia do medico negro, o DR. DAVID.

Este nome fez estremecer o MESTRE ESCOLA.

O nome do julgador cahiu sobre o facinora como uma faisca electrica. Não o remorso, mas somente a colera ergueu-o bruscamente.

Os presentes surprehenderam-se com aquelle gesto, que os aterraria se lhes fosse dado adivinhar que alli estava o mais temivel dos assassinos.

Conduzido ao logar onde devia repousar, o MESTRE ESCOLA perguntava, pouco depois, a TORTILLARD.

— Conseguiste descobrir onde é o quarto de minha mulher?

— Sua mulher?

— Sim, MME. GEORGE. Eu quero vingar-me de todos! — concluiu o miseravel com os punhos cerrados num gesto de implacavel ferocidade.

(Continua no proximo numero)

Wallace Reid e Lila Lee, no film «O Espanta Fantasmas».

AS TREZ BALAS

Conto de CHARLES ALDEN SELTZER

Cinematographado pela *Fox Film Corporation* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Stephen Lanning — WILLIAM FARNUM
Gloria Hallowell — WANDA HAWLEY
Campen — *Tom Santschi*
Ellen Bosworth — CLAIRE ADAMS
Dave De Vake — *Charles Le Moine*
Tularosa — *Joe Rickson*
Slim Lally — *Lon Poff*
Bill Perrin — *Al Fremont*
Clearwater — *Joseph Gordon*
Nannock — *Cap Anderson*

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — STEPHEN LANNING *vive nas rodas mais elegantes de New-York quando recebe do gerente de sua fazenda no extremo oeste aviso de que os salteadores estão lhe roubando muito gado. Parte e logo ao chegar a Bozzan City logarejo dos mais primitivos proximo a sua propriedade surprehende o desordeiro* DAVE DEVAKE *tentando beijar a força a linda* GLORIA HALLOWELL, *caixa do hotel local. Obriga-o a pedir desculpas e expulsa-o do bar.* DAVE *vai furioso relatar o caso a seus companheiros* CAMPAN, CLEARWATER *e* BANNOCK. *Entretanto, chega ao hotel* MISS ELLEN BOSWORTH, *uma moça educada em New-York e filha de um proprietario das visinhanças.*

LANNING *conversa cordialmente com ella, e* GLORIA, *que ficou muito impressionada com o aspecto do recem-chegado, enche-se de ciumes.*

Na mesma tarde LANNING *vai a uma festa na fazenda do* SR. BENSON, *seu velho amigo e é ferido por um tiro disparado por* CAMPAN. *Sem se intimidar,* LANNING *mesmo cahido e ensanguentado intimou o bandido a desapparecer d'aquella região sob pena de levar no corpo as tres balas que restavam em seu revolver.*

Ao fim de seis semanas quando LANNING *já estava restabelecido* MISS ELLEN *passeiando pelos arredores de sua fazenda surprehende uma palestra em que* CAMPAN *e* BANNOCK *convidam* CLEARWATER *para assassinar* LANNING. *A moça espera que elles se afastem e vai partir, quando é surprehendida por* CLEARWATER *que a prende em sua cabana. Porem ella logra fugir e galopa para Bozzan City onde* LANNING *affixou um boletim denunciando* DAVE, CLEARWATER, CAMPAN, TULAROSA *e* LALLY *como salteadores.*

CLEARWATER persegue MISS ELLEN a tiros, e LANNING ouve os estampidos e surge á frente do miseravel que, temeroso foi logo declarando:

— Foi CAMPAM quem me obrigou a ficar contra o senhor.

— Bem. Pois vou ver se ainda se pode fazer de ti um homem leal — diz LANNING. Faça de conta que não me fallou e mantenha-se á parte dos planos de CAMPAN. E' tudo quanto lhe peço.

Entretanto, GLORIA tendo sabido o que se passára foi pedir a MISS ELLEN que usasse de seu prestigio para que LANNING não viesse a cidade onde os bandidos andavam armados a sua espera.

— E' inutil pedir-lhe similhante cousa — disse MISS ELLEN.

— Oh! — exclamou GLORIA com indignação. — E' de se dizer que a senhora não o ama!

MISS ELLEN sorri sem responder e isso ainda deixa a pobre GLORIA mais convencida do que nunca de que ha entre elles uma paixão.

Entretanto, LANNING entra na villa e CAMPAN avança para elle saccando pelo revolver; porem mais rapido, LANNING atira com um revolver em cada mão e o miseravel cahe.

— Soceguem — diz LANNING. — Não o matei. Apenas quebrei-lhe os pulsos para inutilisal-o. Duas balas apenas. A terceira fica em reserva caso elle não se dê por contente com as que já recebeu.

Os bandidos porem não desanimaram e naquella noite desappareceram numerosas cabeças de gado da fazenda de LANNING.

Este sahiu immediatamente e seguindo o rastro dos animaes foi ter ao acampamento dos bandidos. D'esta vez CAMPAN recebeu um tiro num hombro. Os outros immobilisaram-se.

— Amarrem este homem sobre seu cavallo — ordenou LANNING.

Os outros obedecem e o fazendeiro leva-o assim para a cidade.

DAVE segue-o de longe e encontrando GLORIA á porta do hotel lança-lhe um capote sobre a cabeça e tenta raptal-a.

Mas LANNING vê-o passar, liberta a moça que acreditando-o apaixonado por MISS ELLEN afasta-se sem lhe agradecer.

Na manhã seguinte as duas moças tem que ir á povoação proxima e partem juntas pela estrada.

CAMPAN, que fugiu da prisão vê-as, arma-lhes uma espera e laça-as e como seu desejo é vingar-se do fazendeiro pergunta-lhes:

— Qual é de vocês a amada de LANNING?

MISS ELLEN disfarçadamente aponta para GLORIA e o bandido liberta-a immediatamente, seguindo com a caixa do *bar* amarrada. MISS ELLEN finge proseguir na jornada mas apenas o bandido a perde de vista corre a prevenir LANNING.

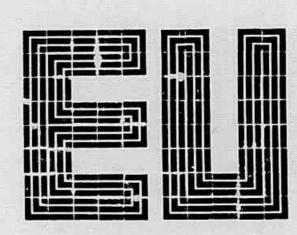
Este vem como um louco e d'esta vez atira para a fronte de CHAMPAN que cahe morto. MISS GLORIA está desfallecente de emoção e de alegria ao vêr o ardor de LANNING em sua defesa.

— E' a ti que elle sempre amou — diz-lhe MISS ELLEN, que viera tambem assistir a essa scena.

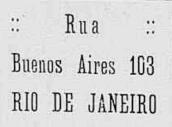
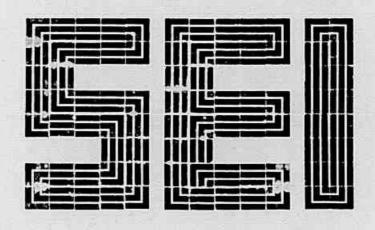
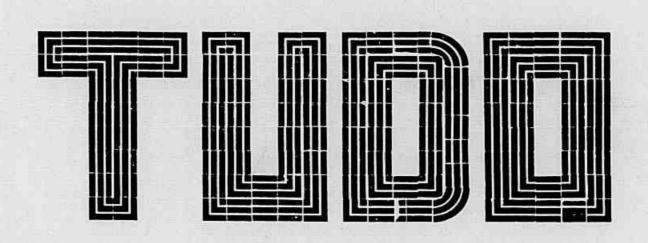
CHARLES ALDEN SELTZER.

Attenção

JA' LEU O MARAVILHOSO

Almanach

para 1923?

Pedidos á COMPANHIA EDITORA :: AMERICANA ::

:: Rua ::
Buenos Aires 103
RIO DE JANEIRO

Preço
5$000

A publicação no seu genero mais interessante do mundo, pela variedade de assumptos, quantidade e belleza de chromos.